

Editorial

Uma edição transatlântica

É muito conhecida a frase em que Bernardo Soares afirma ser a língua portuguesa a sua pátria. Um dos heterônimos de Fernando Pessoa faz soar em nosso idioma um “ódio verdadeiro” dirigido não a “quem escreve mal portuguez (...) mas a pagina mal escripta, como pessoa própria, a syntaxe errada, como gente em que se bata, a orthographia sem ípsilon (...) Sim, porque a orthographia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. E a gala da transliteração greco-romana veste-m’á do seu vero manto régio, pelo qual é senhora e rainha”.

Na boca e na caneta de Soares/Pessoa, a língua é viva, dinâmica, orgânica, social. Não é um país, mas uma pátria, abstração que se alimenta de uma filiação que independente de onde se nasça.

Outro poeta de língua portuguesa atualiza o dito, afirmando que “A língua é minha pátria/E eu não tenho pátria, tenho mátria/E quero fráttria”, sinalizando um laço mais afetivo, de irmãos, entre aqueles que podem compor um coletivo comum. Provocativo, Caetano Veloso pergunta ainda: “O que quer/O que pode esta língua?”

Pois é esta mesma língua, com seus tons, matizes e muitos desassossegos que assume o protagonismo desta edição de **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Nas páginas a seguir, são sublinhados os esforços que pesquisadores brasileiros e portugueses vêm envidando nas últimas duas décadas para aproximar seus estudos e interesses nos campos da comunicação e do jornalismo. “Jornalismo e Mídia, aportes portugueses” sinaliza que não se trata apenas de uma estratégia de lusofonia, mas da busca de pontos de contato entre as muitas identidades que não abrem mão de pensar, sentir, falar e escrever em bom português. A “última flor do Lácio” é um plano que atravessa o

oceano, uma das pontes mais genuínas que ligam esses povos distintos.

Note o leitor que este número da EJM não promove a diluição das fronteiras, mas celebra a porosidade, o entrelaçamento, a miscigenação, a cooperação e a amizade. Não é à toa que atingiu a dimensão que tomou, o que nos permite oferecer aos leitores uma edição mais farta que as anteriores. Sinal da disposição desse diálogo.

Começamos com Canavilhas e Rodrigues que apresentam estudo de caso na imprensa online portuguesa tendo como foco a atuação do cidadão comum como produtor de informação. Bastos, por sua vez, manifesta outra preocupação: a de que vem se observando uma gradual diluição de alicerces do jornalismo no ciberjornalismo lusitano, gerando perda generalizada da qualidade. Ampliando o escopo da análise, Aguiar e Prochnik concentram seus olhares sobre sites de Brasil, Portugal e Argentina que tratam da seleção brasileira de futebol, de forma a discutir interculturalidade, narrativas jornalísticas e esportes.

Outros cinco artigos debruçam-se sobre veículos específicos de mídia em terras lusitanas, compondo um mosaico diverso da produção contemporânea. Bonix se volta para as rádios piratas no período de 1977 a 1988, salientando a importância dessa presença para a diversidade informativa local. Tomé e Lopes abordam as notícias sobre saúde no *Público*, enquanto Gomes se preocupa sobre o viés de prevenção que pode ser majoritário nesse tipo de cobertura. Rossi empreende uma análise do discurso sobre a mulher brasileira no jornal *Expresso*. Gomes mostra como a Revolução de Abril foi estampada no *Diário de Notícias* entre 1974 e 1975.

Dois contribuições elegem como tema a infância e a juventude. Doretto investiga suas formas de representação na *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e no *Público*. Dias e Borges apresentam e analisam o caso de um telejornal dirigido às crianças, veiculado na RTP2. O cuidado com a educação extrapola o ciclo de formação básica. Daí que dois artigos enfocam o ensino de jornalismo em Portugal, tanto com Teixeira quanto com Mendes. Nonato Lima faz um comparativo entre o discurso e a situação de trabalho dos jornalistas no Brasil e em Portugal. Fecha nosso Núcleo Temático a entrevista que a professora Isabel Ferin concedeu ao pesquisador brasileiro

Jorge Kanehide Ijuim. Um diálogo registrado durante a décima edição do Lusocom, que aconteceu no final de setembro em Lisboa.

Nos artigos de temas livres, impera o signo da diversidade. Silva recorre aos estudos do imaginário para traçar algo de comum nos diversos discursos noticiosos sobre a morte. Preis Moraes e Luca Júnior analisam o gênero jornalístico televisivo, enquanto Veiga da Silva enfrenta uma outra acepção da palavra “gênero”, e que vai impactar nas relações de poder e nas rotinas produtivas do jornalismo.

A intencionalidade nas fotografias da *Folha de Londrina* nas coberturas de saúde pública é o tema de Zanardi e Boni, ao passo que Rodrigues da Silva oferece um estudo de caso do momento em que jornalistas de impresso se reconhecem como profissionais multimídia. Casadei compara a função testemunhal na *Revista da Semana* e em *O Cruzeiro*, e Santos Claro e Arruda reforçam o Twitter como uma mídia estratégia para fixação e difusão de marcas.

Completam a edição as resenhas de Bandeira e Pergoraro sobre livros de Michel Foucault (*Do governo dos vivos*) e Tom Rachman (*Os imperfeccionistas*).

Em qualquer lado em que o leitor estiver do Atlântico, boa leitura!

Rogério Christofolletti, editor